



## **NA SENDA DO CONCEITO DE HEGEMONIA: A TAREFA DOS INTELLECTUAIS**

*Anita Helena Schlesener*<sup>1</sup>  
Universidade Tuiuti do Paraná UTP/PR

### **Resumo**

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre a tarefa dos intelectuais na construção e na consolidação da hegemonia para mostrar que há uma relação intrínseca entre os escritos de militância política e os Cadernos do Cárcere. Iniciamos com o texto *A Questão Meridional*, escrito em 1926 e inacabado, que trata da participação dos intelectuais do Sul da Itália na consolidação da hegemonia burguesa. Nos Cadernos do Cárcere, este tema se aprofunda nas reflexões sobre a hegemonia e a formação do Estado, que altera e amplia a tarefa dos intelectuais.

**Palavras-chave:** Hegemonia. Hegemonia burguesa. Intelectuais. Ideologia.

A importância histórica dos escritos de Antonio Gramsci se encontra principalmente nas possibilidades de análise do momento político contemporâneo, a partir da centralidade da política. A leitura de seus escritos nos tem motivado tanto a explicitar e aprofundar o conteúdo dos conceitos quanto em retomar as sendas por ele abertas para entender a nossa realidade. As contradições que permeiam a estrutura social em determinada época histórica nos servem para questionar o conjunto de relações sociais, políticas e culturais que constituem nossas circunstâncias históricas, naquilo que conservam e naquilo que renovam do passado, cujos rastros encontramos no presente.

---

<sup>1</sup> Doutora em História (UFPR), Pós-doutorado em Educação (UNICAMP – em curso). Docente do Mestrado e Doutorado da Universidade Tuiuti do Paraná.

Na realidade brasileira deste início do século XXI, quando os meios de comunicação de massa tomaram proporções inusitadas na formação de um modo único de pensar e na reprodução das estruturas mais conservadoras e mesmo oligárquicas que entravam nosso desenvolvimento, quando o obscurantismo religioso se propõe discriminar e mesmo destruir as sofridas conquistas dos povos oprimidos, entre eles as mulheres, os negros, os índios, retomar o contexto histórico de reflexão de Antonio Gramsci nos parece urgente e fundamental.

Este artigo pretende apresentar algumas observações sobre os possíveis objetivos de Gramsci ao refletir sobre as correlações de forças de seu tempo, assim como sobre os movimentos reacionários que se criaram e fortaleceram no embate com as forças que emergiam do movimento operário. Um dos temas que escreveu e que consideramos de grande importância para refletirmos sobre a nossa realidade é o tema dos intelectuais e sua atuação no contexto das relações de hegemonia.

Iniciamos com o texto *Alcuni temi dela questione meridionale*, escrito em 1926 e inacabado, publicado pela primeira vez em 1930. Este escrito considera a ação dos intelectuais italianos na vida nacional e sua importância para a manutenção e renovação da hegemonia burguesa. A questão é desenvolvida a partir de uma polemica com os redatores da revista Quarto Stato, que tinham criticado a posição dos comunistas de Turim em relação à questão meridional, acusando-os de reducionistas, que se fundamentavam na “fórmula mágica” da divisão do latifúndio entre os trabalhadores rurais (GRAMSCI, 1978, p. 137-138).

Este escrito traz uma importante reflexão sobre a organização política e ideológica da sociedade italiana, fonte das relações de hegemonia e pressuposto dos desdobramentos posteriores da política na ascensão do fascismo. O texto reflete ainda sobre a questão dos intelectuais como fundamental para a manutenção da hegemonia burguesa.

Gramsci retoma o conteúdo apresentado no artigo *Operai e Contadini*, publicado em 03 de janeiro de 1920, para mostrar que a luta pela terra nada tinha de abstrata ou de mágica, mas se inseria no contexto geral de uma ação revolucionária "das duas classes aliadas sob a direção do proletariado industrial" e era abordada considerando as características específicas da história italiana, em que o problema camponês assumia duas formas peculiares: a questão meridional e a questão vaticana. Neste sentido, os comunistas de Turim não só despertaram a atenção para a questão meridional propondo-a como "um dos problemas essenciais da política nacional do proletariado revolucionário", como também contribuíram para que ela saísse da sua fase indistinta,

intelectualista, abstrata, para ser colocada concretamente, no âmbito da conquista da hegemonia pelo proletariado (GRAMSCI, 1978, p. 138-140).

O que Gramsci fazia ao colocar nesses termos a questão camponesa era mostrar mais uma vez a interdependência entre os problemas sociais, políticos e culturais: tratava-se, na Turim revolucionária de 1920, de modificar estratégias e enfrentar "a influência da escola, do jornal, da tradição burguesa", a ideologia difusa que forma o modo de pensar dos trabalhadores setentrionais, ideologia essa que discrimina os habitantes do Sul como naturalmente inferiores, incapazes, atrasados, e que o Partido Socialista contribuiu em formar com suas teorias de inspiração positivista (GRAMSCI, 1978, p. 140).

A questão não é nova, já se explicita na experiência dos comunistas de Turim, mas agora se traduz na noção de hegemonia, apontada como direção política e cultural do proletariado que, somente superando seu corporativismo e aprendendo a pensar como classe, tem condições de conquistar a confiança e o apoio de outras classes sociais que a acompanham na construção de uma nova ordem social:

Nenhuma ação de massa é possível se a própria massa não está convencida das finalidades que quer alcançar e dos métodos a aplicar. Para que o proletariado seja capaz de governar como classe, deve despir-se de todos os resíduos corporativos, de todos os preconceitos ou incrustações sindicalistas. O que isso significa? Que não só devem ser superadas as distinções que existem entre profissões, mas é preciso, para conquistar a confiança e o consenso dos camponeses e de algumas categorias semiproletárias da cidade, superar alguns preconceitos e vencer certos egoísmos que possam subsistir.(...) devem pensar como operários membros de uma classe que tende a dirigir os camponeses e os intelectuais, de uma classe que pode vencer e construir o socialismo somente se ajudada e seguida pela grande maioria destes estratos sociais (GRAMSCI, 1978, p. 144-145).

O texto retoma, na seqüência, a história da Itália para mostrar que a democracia burguesa se inaugurou como política de alianças de classe e, à medida que se alterava a correlação de forças sociais, mudavam também as relações políticas, prevalecendo ora o bloco industrial, ora o bloco agrário. O sindicalismo e o reformismo socialistas

desempenharam um papel importante na integração de operários e camponeses na política burguesa e os intelectuais da pequena e da média burguesia rural tiveram sempre uma atuação expressiva neste processo.

Gramsci acentua que a sociedade meridional se constitui como um "bloco agrário" formado pelos camponeses, em contínua agitação mas, como coletivo espontâneo, "incapazes de dar uma expressão centralizada às suas aspirações e necessidades"; por um "estrato médio de intelectuais que recebe da base camponesa os impulsos para sua atividade política e ideológica"; e pela atuação dos grandes proprietários no campo político e dos grandes intelectuais, no campo ideológico, que "centralizam e dominam, em última análise, todo esse complexo de manifestações". A importância dos intelectuais meridionais na vida nacional italiana se traduz no fato de "3/5 da burocracia estatal ser constituída por meridionais", além da atuação de intelectuais do porte de Giustino Fortunato<sup>2</sup> e Benedetto Croce, que davam sustentação ao sistema meridional e "em certo sentido, eram as duas maiores figuras da reação italiana" (GRAMSCI, 1978, p. 150).

E Gramsci passa, então, a analisar a psicologia dos intelectuais meridionais e a sua atuação no contexto das relações de hegemonia burguesa: saídos, em sua maioria, das classes de pequenos e médios proprietários de terras, que não trabalham na agricultura, mas vivem da renda resultante do aluguel da terra, de que tiram também para educar os filhos, esses intelectuais estabelecem o elo entre camponeses e grandes proprietários; da prática econômica do arrendamento e conseqüente afastamento da vida e dos problemas do campo, resulta uma vivência social e uma atitude intelectual para com os camponeses, que Gramsci assim descreve:

Dessas classes os intelectuais recebem uma áspera aversão pelo camponês trabalhador, considerado como uma máquina de trabalho, que deve ser descarnada até o osso e que pode ser substituída, dada a superpopulação trabalhadora; recebem também o sentimento atávico e instintivo do medo louco pelo camponês e pelas suas violências destruidoras e, por isso, um hábito de

---

<sup>2</sup> Giustino Fortunato (1848-1932): político e escritor, dedicou-se especialmente ao estudo da questão meridional, dando a conhecer ao país os problemas sociais e políticos do Sul. Suas obras mais importantes: O Mezzogiorno e o Estado Italiano (1911); A Questão Meridional e a Reforma Tributária (1920). Juntamente com Croce, foi um dos grandes intelectuais italianos, que influenciou uma geração.

hipocrisia refinada e uma refinadíssima arte de enganar e domesticar as massas camponesas (GRAMSCI, 1978, p. 151).

Esse tipo de organização "realiza um monstruoso bloco agrário que, no seu conjunto, funciona como intermediário e vigilante do capitalismo setentrional e dos grandes bancos", atuando no sentido de conservar a situação (GRAMSCI, 1978, p. 153). As arestas e fendas que apareciam vez ou outra no bloco agrário, por conta dos sentimentos primordiais que moviam os camponeses ante a aspereza das condições sociais, da crueldade dos proprietários e da corrupção dos políticos, eram aparadas ou resolvidas pelos grandes intelectuais, como Fortunato e Croce, que "podem ser julgados como os reacionários mais ativos da península" (GRAMSCI, 1978, p. 155).

Outro ponto a salientar é que no Sul não existiam organizações de cultura média, como editoras ou pequenas e médias revistas, embora existissem "grandes acumulações culturais e de inteligência a nível individual ou em restritos grupos de grandes intelectuais". Os grupos mais radicais procuravam sair do bloco agrário e atuar em âmbito nacional, tanto que "se pode dizer que todas as iniciativas culturais devidas aos intelectuais médios que tiveram lugar no século. XX" nas regiões do centro e norte da Itália, "foram fortemente influenciadas por intelectuais meridionais" (GRAMSCI, 1978, p. 155).

Embora critique os dois grandes intelectuais meridionais pela sua moderação política, Gramsci não deixa de reconhecer os seus méritos enquanto "homens de grande cultura e inteligência, nascidos no terreno tradicional do Mezzogiorno, mas ligados à cultura europeia e até mundial", que realizaram na Itália uma reforma intelectual comparada à reforma protestante, construindo "uma nova concepção de mundo que superou o catolicismo" e influenciou toda uma geração de intelectuais. A atuação de Croce contribuiu para separar das massas camponesas os jovens radicais do Sul "fazendo-os participar da cultura nacional e europeia" e, desse modo, da cultura burguesa, afastando-os, portanto, do bloco agrário. "Neste sentido, Benedetto Croce cumpriu uma altíssima função 'nacional'" (GRAMSCI, 1978, p. 155-156).

A partir dessa análise da função de Croce e dos intelectuais no contexto da direção política e cultural da sociedade italiana, Gramsci situa também o grupo do *Ordine Nuovo* e dos comunistas de Turim, que "sofreram a influência intelectual de Fortunato e Croce", mas souberam, através da ação política, romper com essa tradição. "Tendo servido de intermediários entre o proletariado e determinados estratos de intelectuais de

esquerda conseguiram modificar, senão completamente, pelo menos notavelmente, sua orientação mental". Neste sentido, a figura de Piero Gobetti é exemplar: "não era comunista e provavelmente jamais o teria sido, mas compreendeu a posição social e histórica do proletariado e já não conseguia mais pensar fazendo abstração deste elemento" (GRAMSCI, 1978, p. 156).

A análise e a defesa do trabalho de Gobetti como "um organizador de cultura de valor extraordinário", que teve, na política e na cultura, "uma função que não deve ser esquecida nem subestimada pelos operários", mostra, mais uma vez, a postura antidogmática de Gramsci, aberta ao diálogo e ao reconhecimento do valor e da capacidade de um intelectual, independente de sua posição política. Gobetti representava um movimento que era fruto de "um novo clima histórico italiano" (GRAMSCI, 1978, p. 157):

Fomos, algumas vezes, repreendidos por companheiros do partido por não termos combatido a corrente de idéias da *Rivoluzione Liberale*: tal ausência de luta parecia ser a prova de uma articulação orgânica, de caráter maquiavélico (como se costuma dizer), entre nós e Gobetti. Mas não podíamos combater Gobetti porque ele desenvolvia e representava um movimento que não deve ser combatido, ao menos em linha de princípio. Não compreender isso significa não compreender a questão dos intelectuais e a função que eles desempenham na luta de classes (GRAMSCI, 1978, p. 157).

Entre os méritos de Gobetti, Gramsci salienta que ele estabelecia o elo com os intelectuais modernos, isto é, ligados à técnica, desempenhando funções importantes no modo capitalista de produção e "que tinham assumido uma posição de esquerda, favorável à ditadura do proletariado, em 1919-20", além de colocar a "questão meridional num terreno diferente do tradicional, introduzindo nele o proletariado do norte". E, ironicamente, coloca a pergunta que ele próprio admite como paradoxal: Por que lutar contra Gobetti? Talvez por não ser ele um "comunista puro", por não ter aceito "de A a Z o nosso programa e a nossa doutrina"? Mais uma vez a crítica às posições sectárias aflora em seu texto, agora para mostrar que alguns intelectuais modernos, pela função que exercem nos meios em que atuam, podem se tornar aliados do proletariado, desde

que a questão seja enfrentada sem dogmatismos ou fanatismos de qualquer espécie (GRAMSCI, 1978, p. 157).

O proletariado, como classe, que tem dificuldade em formar os seus próprios intelectuais, tem interesse em que os intelectuais "cheguem a aderir ao seu programa e à sua doutrina", integrando-se e confundindo-se com o movimento. Mas é necessário entender que "pela sua própria natureza e função histórica," como representantes de "toda a tradição cultural de um povo", os intelectuais se desenvolvem com maior lentidão que os outros grupos sociais e não podem romper abruptamente com todo o passado e aderir a uma nova concepção de mundo ou uma nova ideologia. Abrir "uma fratura de caráter orgânico" entre os intelectuais, formar "uma tendência de esquerda, no significado moderno da palavra, isto é, orientada para o proletariado revolucionário", já é uma conquista da maior importância, acrescida, no caso dos intelectuais meridionais, da possibilidade de romper com o bloco agrário e abrir caminho para a aliança operário-camponesa (GRAMSCI, 1978, p. 157-158):

O proletariado destruirá o bloco agrário meridional na medida em que conseguir, através de seu partido, organizar em formações autônomas e independentes, massas cada vez mais numerosas de camponeses pobres; mas terá êxito maior ou menor nesta sua tarefa obrigatória conforme for capaz de desagregar o bloco intelectual que é a armadura flexível, mas muitíssimo resistente, do bloco agrário (GRAMSCI, 1978, p. 158).

Desagregar o bloco agrário, mantido em grande parte pelo trabalho dos intelectuais, incentivando e apoiando os intelectuais progressistas era, portanto, necessário, tanto para os camponeses meridionais no seu movimento de emancipação, com melhores condições de se organizarem de modo autônomo, quanto para o proletariado, nas possibilidades de colocar a questão da aliança política operário-camponesa.

Esse texto, embora inacabado, mostra a preocupação de Gramsci com a questão da cultura, agora relacionada à noção de hegemonia: se burgueses e latifundiários dominam o cenário político isso se deve, em grande parte, à ação dos intelectuais na formação de uma concepção de mundo, no trabalho cotidiano de difundir idéias e formar opiniões, principalmente nos meios de comunicação. Para a classe operária, conquistar a

direção política a partir de um conjunto de alianças de classes, significa, também, conquistar a direção cultural, o que implica elaborar a sua própria concepção de mundo, isto é, um modo de pensar independente, que expresse as contradições vividas no cotidiano.

Ressaltamos também que já neste momento Gramsci abordava a questão vinculando os problemas sociais, políticos e culturais a fim de formar uma nova concepção de mundo e enfrentar a ideologia positivista difusa entre os trabalhadores setentrionais, que discriminava os habitantes do Sul como naturalmente inferiores, incapazes, atrasados, ideologia que o Partido Socialista contribuiu em formar (GRAMSCI, 1978). Nos Cadernos do Cárcere, este tema se aprofunda nas reflexões sobre a hegemonia e a formação do Estado, que altera e amplia a tarefa dos intelectuais.

Da lista de propósitos de pesquisa que abre o Caderno 1 os primeiros sete itens referem-se indiretamente à noção de hegemonia, como os temas sobre a literatura popular e o folclore, assim como a interpretação da Divina Comédia, de Dante, que nos remetem à questão dos intelectuais. Estes exercem uma tarefa fundamental na construção da hegemonia, tanto nas suas funções políticas quanto literárias, filosóficas ou pedagógicas. As reflexões de Gramsci sobre a literatura de seu tempo precisam ser examinadas na sua relação com sua teoria política, na qual a questão da cultura assume importância a partir da necessidade de enfrentar o dominador no seu terreno, ou seja, no campo da ideologia.

A noção de hegemonia recebe significados variados a partir da correlação de forças entre as classes antagônicas: referindo-se ao processo de revolução burguesa, Gramsci acentua que “a supremacia de um grupo social se manifesta como ‘domínio’ e como ‘direção intelectual e moral’” (GRAMSCI, 1978, p. 2010). No movimento de construção da hegemonia um grupo social precisa construir a direção intelectual junto à sociedade civil a fim de exercer a hegemonia. Gramsci explicita o modo como se organizam as forças sociais em disputa no âmbito da política moderna e alerta para a importância da direção intelectual e moral que consolida o consenso, de modo que os grupos subalternos que pretendem a hegemonia precisam conhecer as classes sociais em presença, assim como a natureza do Estado moderno, a fim de disputarem o poder.

A definição de hegemonia enquanto dominação política e direção cultural ou como exercício do poder pela coerção e pela formação de um consenso passivo demonstra a importância da ideologia nas relações de poder e reforça a necessidade, para as classes trabalhadoras, de formar uma concepção de mundo autônoma, de dominar as formas de argumentação, de apropriar-se do conhecimento historicamente produzido, de elaborar a

sua cultura popular (enquanto universal), a fim de lutar por novas relações de hegemonia. E os intelectuais têm uma função fundamental neste processo.

Com o desenvolvimento do modo de produção capitalista as relações de hegemonia assumem novas dimensões que Gramsci já anunciava no escrito de 1926 sobre a questão meridional: dizia já naquele ensaio que os países de capitalismo avançado as reservas políticas e organizativas das classes dominantes são mais amplas que aquelas da Rússia por ocasião da revolução (GRAMSCI, 1978). Esta força política tem uma dimensão ideológica importante, na formação do consenso a partir da formação de um modo de pensar.

Em outros termos, a hegemonia se consolida e se fortalece na medida em que as classes dominantes conseguem o consenso da maioria da população em torno de seus projetos, o que evidencia a importância da formação cultural e ideológica e da ação dos intelectuais.

A correlação de forças interna a um Estado também abre a reflexão sobre a correlação de forças entre os Estados, entre periferias e centros: a história das classes dirigentes também demonstra, nas suas obscuridades, que “a história dos Estados subalternos se explica com a história dos Estados hegemônicos”, ou seja, torna-se necessário, para esclarecer o contexto global. E Gramsci reflete sempre a partir da história da Europa: tomando como exemplo a queda do Império Romano, nosso autor acentua a importância de reconhecer que, naquele momento, “as forças decisivas da história mundial não estavam com o Império”, mas com os invasores, os quais se apresentam como um enigma, porque de sua história não existem documentos. E no modo como a história em geral apresenta a queda do Império Romano “estão em jogo elementos ideológicos nada desprezíveis” (GRAMSCI, 1978b, p. 1759).

A hegemonia burguesa se constrói e se consolida de modo diferente, de acordo com as circunstâncias históricas e as forças em presença: Assim, da revolução violenta levada a cabo pelos jacobinos e da vitória contra a nobreza entre 1789 e 1793, chega-se às revoluções – restaurações resultantes de alianças da burguesia com a nobreza, com a consequente manutenção dos privilégios dos nobres, em 1860-70.

O conceito “revolução passiva” se explicita no curso das análises de Gramsci das lutas de classes recorrentes na história da Europa nos movimentos de formação dos Estados nacionais. Já no Caderno 1, parágrafo 151, Gramsci aborda a relação entre o Estado moderno francês e os demais Estados europeus iniciando a reflexão sobre a revolução passiva, texto retomado e ampliado no Caderno 10, II, parágrafo 61: na

correlação de forças entre a França revolucionária e os demais Estados europeus, na medida em que as classes trabalhadoras se organizam e adquirem unidade e força política, tem-se uma mudança de atitude das burguesias nacionais, que atuam a partir de alianças com as classes conservadoras de modo a organizar a nova estrutura política de cima para baixo: os “Estados europeus nascem por pequenas e sucessivas ondas reformistas e não por explosões revolucionárias como aquela francesa originária”. As “ondas sucessivas” se constituem por “uma combinação de lutas sociais, de intervenções pelo alto de tipo monarquia iluminada e de guerras nacionais”. Neste movimento, as “restaurações tornam-se a forma política na qual as lutas sociais encontram quadros bastante elásticos que permitem à burguesia alcançar o poder sem rupturas clamorosas” (GRAMSCI, 1978b, p. 134 e p. 1358).

No curso das alianças e arranjos políticos para evitar enfrentamentos violentos, as antigas classes feudais deixam de ser dominantes, mas não são eliminadas, tornando-se “governativas”; de “classes, tornam-se ‘castas’, com determinadas características culturais e psicológicas, mas sem funções econômicas predominantes” (GRAMSCI, 1978, p. 134 e p. 1358). Ou seja, trata-se de um mecanismo de construção da hegemonia ou de ascensão ao poder por meio de arranjos políticos e reformas efetuadas pelo alto, garantindo uma transição mais ou menos pacífica.

O conceito de revolução passiva permite entender como a correlação das forças em presença, na medida em que os antagonistas se enfrentam e as classes subalternas demonstram força e organização, os grupos dominantes tendem a se unir e a buscar soluções paliativas pela via reformista.

Gramsci retoma o curso da Revolução francesa e seus desdobramentos até a ascensão de Napoleão para mostrar como este processo de contraposição entre as forças em presença e as transições pacíficas e graduais para a construção da hegemonia burguesa, servem para entender as relações entre os grandes e os pequenos Estados. Esclarecem-se aí os mecanismos de dominação entre Estados, como forma de desenvolvimento desigual do capitalismo, visto que a hegemonia política se constrói para garantir interesses econômicos. No processo reformista e consolidado pelo alto, as classes subalternas são assimiladas tanto no ato de cooptar seus dirigentes quanto pela formação de um modo de pensar homogêneo, por meio do que Gramsci denomina direção política e moral.

Nesta senda, a questão do americanismo é de fundamental importância para se compreender as estratégias de revolução passiva para a implementação de reformas no

modo de produção; e aqui a função do pragmatismo e dos intelectuais também se afirma com relevância. O fordismo, como mudança no modo de produção articulada ao americanismo como modo de vida, não superou a fase econômico-corporativa, de modo que todo o processo político sofreu uma ação redutora determinista, fator que impediu a formação de uma vontade coletiva, ou seja, que a classe trabalhadora, os grupos “que estão criando, por imposição e por seu próprio sofrimento, as bases materiais dessa nova ordem”, criassem um modo de vida original e autônomo, “para fazer se tornar ‘liberdade’ o que hoje é ‘necessidade’” (GRAMSCI, 1978b, p. 2179).

Na proporção em que explicita o conceito de hegemonia, Gramsci também esclarece a tarefa dos intelectuais e sua importância na luta hegemônica, no modo como se constituem as relações de força em cada circunstância histórica. A classe que aspira ao poder hegemônico precisa apropriar-se do conhecimento histórico, interpretar este conhecimento do ponto de vista da luta de classes, bem como todas as relações políticas e culturais que sustentam a hegemonia vigente.

A questão dos intelectuais apresenta-se de fundamental importância para a consolidação e a manutenção da hegemonia, Nos Cadernos, Gramsci esclarece as várias categorias de intelectuais, desde os tradicionais até os mais conservadores e mesmo medíocres que, mesmo advindos das classes populares, aderem ao projeto burguês e o defendem com unhas e dentes. O Caderno 19 é dedicado a esta categoria, expressa no lorianismo; em outros momentos, refere-se ao brescianismo moderno, dos “nipotini di padre Besciani”, cuja ação se efetiva por meio da literatura de sacristia, na formação ideológica tão cara à Igreja Católica; a esta corrente se agrega o brescianismo laico, que se torna gradativamente uma “escola” literária (GRAMSCI 1978b, p. 18). O Caderno 12 é dedicado precisamente a esclarecer a importância para a classe trabalhadora da formação de novos intelectuais e da conquista de outros intelectuais para a luta hegemônica.

Retomar os escritos de Gramsci é de fundamental importância neste momento histórico de ascensão das forças reacionárias e de afirmação de preconceitos que imaginávamos superados na história mundial. Novas formas de fascismo se afirmam em todo o mundo, com novas formas de xenofobia, misoginia, preconceito racial, com forte acento autoritário. Esta ascensão tem forte conotação ideológica, que se manifesta na defesa de uma neutralidade abstrata e na acusação violenta da crítica, o que demonstra mais uma vez a importância dos intelectuais em sua tarefa política e cultural. Gramsci nos inspira na resistência a este avanço com seu exemplo e sua atuação política.

## Referências

GRAMSCI, Antonio. **La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)**. Torino: Einaudi, 1978.

GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del Carcere**. Torino: Einaudi, 1978b.

*Recebido em 10 de julho de 2019*

*Aprovado em 29 de julho de 2019*

*Editado em 10 de setembro de 2019*